ARTE E IMAGINAÇÃO POÉTICA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS – reflexões sobre o projeto Arte no Muro (NDI/MEN/CED/UFSC)

Alessandra Mara Rotta de Oliveira *

Gilberto Lopes Lerina **

Vania Maria Broering ***

Universidade Federal de Santa Catarina, SC/Brasil

alessandra.rotta.oliveira@ufsc.br *
gibandi@gmail.com **
vaniabroering@bol.com.br ***

Resumo

Esta comunicação perspectiva ampliar as reflexões sobre a construção de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as poéticas infantis no campo das artes plásticas no cotidiano da educação das crianças em contextos de Educação Infantil. O trabalho vincula-se à pesquisa realizada no campo da Educação intitulada "Encontros Poéticos: as experiências de criação artística das crianças na Educação Infantil em diálogo com a arte contemporânea" e apresenta um conjunto de proposições pedagógicas engendradas no projeto de extensão "Arte no Muro: uma tela a céu aberto (NDI/MEN/CED/UFSC)". A partir dos aportes teóricos da arte, da Filosofia, da Educação e da Pedagogia da Infância, apresentamos e discutimos práticas pedagógicas desenvolvidas a céu aberto, visando ao fortalecimento da imaginação, a expansão do corpo sensível e da criação poética das crianças pequenas – com idades entre dois anos e dois anos e onze meses – no encontro com a materialidade terra. Ao falarmos na construção de práticas pedagógicas, defendemos que estas sejam pautadas numa imagem de criança potencialmente rica, social, corpórea, cultural e sensível; guiada e constituída nas e pelas experiências lúdicas e imaginativas que emergem de seus encontros com o outro e as materialidades que compõem o mundo. Ao mesmo tempo, compreendemos o espaço para a criação plástica para além da sala ou de um ateliê. Diante do trabalho desenvolvido, apontamos para a necessidade e a potência da incorporação de materialidades naturais na educação das crianças pequenas, assim como de espaços que abriguem e impulsionem as experimentações e poéticas das crianças em creche e pré-escolas.

Palavras-chave: Arte; Educação; Crianças Pequenas.

Abstract

The purpose of this paper is to expand reflections on the construction of pedagogical practices that recognize and value early childhood poetics in the field of the arts in the context of daily early childhood education. The work is related to a study conducted in the field of education entitled "Poetic Encounters: Experiences of artistic creation of children in early childhood education in dialog with contemporary art" and presents a group of pedagogical proposals engendered in the extension Project "Art on the Wall: an outdoor canvas (NDI/MEN/CED/UFSC)". Using theoretical supports from art, philosophy, education and early childhood pedagogy, we present and discuss pedagogical practices undertaken outdoors, aimed at strengthening the imagination, the expansion of the sensitive body and the poetic creation of small children – from two to two years and eleven months – in a meeting with the materiality Earth. By speaking of the construction of pedagogical practices, we defend that they be based on an image of children that is potentially rich, social, corporal, cultural and sensitive; guided and constituted in and by ludic and imaginative experiences that emerge from their encounters with the other and the materialities that compose the world. We understand the space for artistic creation beyond the classroom or studio. Considering the work conducted, we point to the need and potential for incorporation of natural materialities in the education of young children, as well as spaces that can harbor and stimulate the experimentations and poetics of children in early childhood education.

Keywords: Art; Education; Young children.

Introdução

No Brasil, temos uma grande diversidade de contextos de Educação Infantil tanto no que se refere à arquitetura das instituições como também em relação aos equipamentos, materiais, turnos de funcionamento, número de crianças atendidas, nível de formação das(os) professoras(es) e, consequentemente, de proposições pedagógicas. Somam-se ao que foi dito a gritante desigualdade social das crianças que são acolhidas nas creches e pré-escolas brasileiras, assim como as condições de seus acessos e oportunidades de encontro com a arte e suas linguagens. Em relação a esta última indicação, a situação se agrava no que tange à educação das crianças de 0 a 3 anos de idade, uma vez que, na maioria dos casos, são raras as proposições pedagógicas[2] voltadas à criação poética nas artes plásticas a elas destinadas. Quando estas acontecem, emergem de modo descontínuo, em curtos períodos temporais, em situações demasiadamente controladas pelas(os) professoras(es) e com materiais concebidos pelos adultos como "nobres", tais como: massa de modelar industrial ou artesanal; papel – preferencialmente branco e liso; giz de cera; tintas guache; canetas

[2] Neste trabalho, a expressão "proposição(ões) pedagógica(s)" está sendo compreendida como uma proposta elaborada pelas(os) professoras(res) às crianças. Proposta entendida como caminho e não um lugar em si.

hidrográficas de ponta grossa. Tais proposições apostam em objetivos voltados ao desenvolvimento psicomotor infantil, deixando nas sombras as potencialidades e significações expressivas, imaginativas e poéticas engendradas nos gestos, nos atos das crianças em seus diálogos, descobertas (de si, do outro e do mundo) e criações com as materialidades que lhes oferecemos.

Soma-se aos aspectos anteriormente citados a pouca incidência de trabalho com as linguagens plásticas nas instituições de Educação Infantil que acontecem fora do espaço conhecido, "seguro", tradicional da sala de referência – sala de aula – das crianças e da(o) professora(o) ou mesmo do ateliê de arte nas creches e pré-escolas que o possuem[3].

Atuar pedagogicamente na contramão de práticas educativas como as anteriormente descritas exige uma reflexão sobre as concepções de arte, criança, Educação Infantil, espaços para a criação artística e os materiais neles propostos, assim como sobre a imaginação poética infantil. Diante do exposto e na direção do reconhecimento, valorização e intensificação das poéticas infantis no campo das artes plásticas, apresentamos aqui um conjunto de proposições e análises engendradas no projeto "Arte no Muro: uma tela a céu aberto", realizado com crianças pequenas (na faixa etária de dois anos e dois anos e onze meses). O Arte no Muro, como institucionalmente o projeto é conhecido, vem sendo desenvolvido junto ao Núcleo de Educação Infantil (NDI) e em parceria com o Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), ambas as instâncias pertencentes ao Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)[4]. Ele teve início no ano de 2010, mas somente em 2012 começou o trabalho com as crianças menores de três anos de idade, contando também com a participação das professoras Lígia dos Santos e Josiana Picolli – responsáveis diretas pelos dois grupos de crianças inseridas no Arte no Muro. Além da equipe coordenadora do projeto (autores deste texto), tivemos em 2012 a atuação de dois bolsitas, estudantes de cursos de graduação da UFSC, a saber: Fernanda Hartmann Ramos (graduanda do curso de Pedagogia) e Lucas Mello (graduando do curso de Psicologia)[5].

Desenvolvimento

Dos fios teóricos, estruturadores e condutores do Arte no Muro

Ao mesmo tempo em que colocamos a necessidade de definirmos arte ou criança, por exemplo, sabemos da complexidade de tal tarefa e da sua impossibilidade num texto como este. No entanto, o fazemos não como algo fechado em si mesmo, mas em diálogo com o contexto educacional no qual atuamos e, simultaneamente, em consonância com as legislações

[3] Ressaltamos que, mesmo nas instituições – de Educação Infantil ou das Séries Iniciais do Ensino Fundamental – e que possuem ateliês –, o trabalho não é tranquilo. Vejamos o depoimento da pesquisadora e professora Ana Angélica Albano (2010, p. 28) sobre esta questão: "Após o primeiro dia de aula, numa 5ª série do Ensino Fundamental, trabalhando numa sala projetada para aulas de arte, recebo da coordenadora pedagógica o seguinte comentário: 'Quando a senhora for trabalhar com estes materiais rústicos (no caso, argila), a senhora poderia trabalhar no porão' (Albano Moreira, 2007). Ao que respondi com a coragem da inexperiência: 'Mas todas as minhas aulas serão rústicas!'. Rústicas, leia-se, modelagem com argila".

[4] Este projeto é coordenado pelos autores deste texto. Para saber mais sobre o citado projeto, ver em: http://artenomurondi.blogspot.com.br/p/quem-somos_15.html Acessado em: 8/9/2015.

[5] Ambos os graduandos participaram do projeto Arte no Muro por meio do Programa Bolsa Cultura da Secretaria de Cultura da UFSC.

educacionais vigentes e a produção plástica e teórica da arte contemporânea[6]. O fazemos também na direção de explicitar as concepções tidas por nós como sendo as bases de construção das proposições artísticas destinadas às crianças pequenas; bases estas que nos permitem adentrar no labirinto da imaginação poética infantil, sem nos perdermos pelo caminho ou mesmo sem que possamos nele reconhecer os percursos realizados pelas próprias crianças.

Apresentamos, então, nossa concepção de criança(s): sujeito de direitos (a provisão, a proteção e a participação social), historicamente constituída, multirrelacional e cultural, tendo sua(s) infância(s) – uma categoria geracional – marcadas pelas variáveis de gênero, classe, religião e etnia (Barbosa, 2010, s/d). Criança: sujeito potencialmente rico, social, corpóreo e sensível; guiada e constituída nas e pelas experiências lúdicas, imaginativas e poéticas engendradas em seus encontros com o outro e as materialidades que compõem o mundo.

Diante da imagem de criança acima descrita (e com ela), cabe à Educação Infantil educar e cuidar as crianças de modo indissociável e complementar a ação das suas famílias; acolhê-las como "o que vai do impossível ao verdadeiro" (Larrosa, 1998), rompendo com a pesada e histórica imagem do totalitarismo que marca um olhar que já sabe "de antemão o que é que vem e o que é que se deve fazer com ela [a criança]" (p. 79)[7]. Ou seja, acolhê-las de forma a sentir sobre nós mesmos – professoras(es), pesquisadoras(es) e a sociedade de modo mais amplo:

> o olhar enigmático de uma criança, de perceber o que nesse olhar há de inquietante para todas as certezas e seguranças e, apesar disso, permanecer atentos a esse olhar e sentir-se responsáveis ante seu mandato: deves abrir-me um espaço no mundo de maneira que eu possa encontrar um lugar e elevar a minha voz (Larrosa, 1998, p.79).

Reconhecendo e assumindo, assim, que o trabalho pedagógico com as linguagens da arte e, para além delas, na educação das crianças em creches e pré-escolas não se estrutura a partir de um possível a um real, "mas do impossível ao verdadeiro" (Zambrano *apud* Larrosa, 1998, p. 79), contradizendo ações pedagógicas historicamente pautadas numa valência definida pela sua força em passar do possível ao real.

A ideia de uma educação na qual criança é vista como e no movimento do que vai do "impossível ao verdadeiro" nos permite propor e compreender a criação artística deste sujeito na mesma direção. Ou seja, não determinamos de antemão o que a criança pode fazer (o que é possível), mas lhe oferecemos múltiplas condições para que ela venha a descobrir a si mesma, a criar imagens que vão de encontro "àquilo que lhe é verdadeiro", que fortalecem e relevam a sua imaginação e imagem poética.

A construção de um trabalho artístico-pedagógico com as crianças voltado à imaginação poética *não* nega o desenvolvimento psicomotor infantil, mas vai muito além, pois, ao trabalhar na e com a dimensão do "impossível ao verdadeiro", se preocupa com o maravilhamento da criança diante de suas poéticas plásticas. O que exige da(o) professora(o) reconhecer e abrigar no cotidiano das crianças nas instituições de Educação Infantil "a

---

[6] Ao nos referirmos à legislação educacional vigente, destacamos as Orientações Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010).

[7] Para Larrosa (1998, p.81) "o impossível é o outro do nosso saber e de nosso poder, o que não pode determinar o resultado de um cálculo e o que não pode definir como o ponto de ancoragem de uma ação técnica. O impossível, portanto, é o que exige uma relação constituída segundo uma medida distinta da medida do saber e da medida do poder".

imprevisibilidade e o modo direto do movimento dos corpos no e com o mundo: o inusitado da admiração diante do poder de transformar materialidades e gestos enquanto transfiguração do visível" (Richter, 2007, p. 1). Metamorfoses [plásticas] que são concebidas na "alegria de fazer aparecer algo no ato mesmo das crianças aprenderem a instaurarem sentidos que dão sentido ao estar junto no mundo" (Richter, 2007, p. 1). O ato de trazerem algo novo ao mundo, ou melhor, uma "imagem poética nova – uma simples imagem! – torna-se, assim, simplesmente, uma origem absoluta, uma origem de consciência" (Bachelard, 2009, p. 1). De acordo com Bachelard (2009, p. 1), "uma imagem poética pode ser o germe de um mundo" e "a consciência de maravilhamento diante desse mundo criado pelo poeta abre-se com toda ingenuidade" (Bachelard, 2009, p. 1); maravilhamento este que acreditamos encontrar entre as crianças pequenas em seus processos de transfiguração da materialidade terra (barro, lama, argila).

> a dimensão poética que advém do encantamento de um corpo diante das primeiras admirações com a plasticidade do mundo que convocam o corpo infantil a 'mexer-se' e lançar-se em imagens e palavras para aprender a decifrá-lo e interpretá-lo no ato de narrar e encenar – através de seus jogos e brincadeiras – o extraído dessa experiência de comunhão entre corpo, linguagem e mundo (Richter, 2007, p. 2).

As crianças, em seus processos de figurar, criar manchas, linhas, formas e volumes no mundo, colocam o corpo em ação, mais do que pensamentos. Há uma intensificação do agir sobre o mundo. Um agir lúdico e poético sobre as materialidades que gera um conhecimento profundo, uma vez que é gestado e compreendido na simultaneidade da dimensão corpórea, afetiva, cognitiva. Um agir que desperta a matéria, "[...] o contato da mão maravilhosa, o contato dotado de todos os sonhos do ato imaginante que dá vida às qualidades que estão adormecidas nas coisas" (Bachelard, 2001, p. 21). No entanto, Bachelard (2001), pautado em Novalis, não nos deixa esquecer que cada contato gera "[...] uma substância, cujo efeito dura por todo o tempo que durar o toque. É o mesmo que dizer que a substância é dotada do ato de nos tocar. Ela nos toca, assim como nós a tocamos, forte ou suavemente" (Bachelard, 2001, p. 20). Assim, quando as crianças pequenas estão descobrindo, agindo, tocando a matéria estão, simultaneamente, sendo por ela tocadas suave ou duramente, enigmática ou reveladoramente.

A materialidade terra, para Bachelard (1998), é um dos hormônios da imaginação, aliando-se "fortemente as almas poéticas". As matérias terrestres, segundo Bachelard (2001), "são estáveis e tranquilas; temo-las sob os olhos; sentimo-las nas mãos, despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las" (Bachelard, 2001, p. 1). E ainda, a terra, por ser uma materialidade "em aparência, positiva e sólida", provoca e evoca o mais sutil e laborioso do trabalho da imaginação (Baudelaire *apud* Bachelard, 2001, p. 2). E mais, a imaginação criadora ou poética é engendrada no envolvimento do ser sensível e inteligível, não apenas produzindo um fenômeno novo, mas, sobretudo, no processo de criação acaba por expandir a consciência de si (e do mundo) daquele que cria (Ostrower, 1987, p. 134-135).

Soma-se a esta afirmativa o fato de que, ao trabalharmos com a terra (na sua forma de lama, barro e/ou argila), estamos promovendo encontro, o agir lúdico e poético das crianças com uma matéria pouco presente na vida contemporânea da maioria das crianças que frequentam creches e pré-escolas (públicas e privadas). O emprego da terra em forma de lama e argila também nos leva a explorar com as crianças o espaço do parque, o gramado como um ateliê sem paredes e, ao mesmo tempo, descobrir e utilizar as paredes externas da instituição como suportes para o agir infantil; suportes para a visibilidade das poéticas, das "verdades" de cada criança.

Considerando as reflexões tecidas até aqui, passamos, então, a apresentar algumas das proposições desenvolvidas com as crianças pequenas no Arte no Muro no decorrer de um ano de trabalho, privilegiando a materialidade terra em diferentes formas.

Dos espaços e da emergência da imaginação poética das crianças

Na direção de oferecer não somente a terra, a argila à criação poética das crianças, mas com ela as melhores condições para que elas pudessem manipular diretamente a materialidade e assim sentir-conhecer suas qualidades físicas e, ao mesmo tempo, suas resistências e potencialidades expressivas, saímos do espaço conhecido e culturalmente privilegiado para a criação plástica, a saber: o ateliê de arte. A saída deste contexto possibilitou aos adultos envolvidos no projeto a proporem outras formas, situações de encontros, experimentações das crianças com a materialidade em foco. E qual foi o espaço privilegiado para os encontros e criações das crianças? O parque! Um espaço conhecido pelas crianças na instituição, onde a criação lúdica, especialmente instituída por meio de e nas brincadeiras, acontece diariamente.

Ao mesmo tempo em que o parque é um lugar conhecido das crianças, é também um espaço desafiador. Isto porque nele oferecemos, por meio do Arte no Muro, materialidades e proposições que não eram habituais neste espaço. O parque se oferece – neste projeto – como um espaço que acolhe, que está disponível para o corpo (das crianças e dos adultos) se movimentar e experimentar movimentos diversos daqueles já conhecidos e estabelecidos entre as quatro paredes do ateliê de arte ou da sala de referência das crianças. Promove o diálogo de corpos linguareiros, intensificando as relações entre ele o mundo natural, conectando o processo de criação das crianças com as origens da materialidade. Isso tudo acontece não por meio de explicações abstratas, mas pelo agir-sentir das crianças em profunda conexão com a terra e o gramado que as cercam, a sombra da árvore que as acolhe no espaço em que as crianças estão imersas no ato da criação.

De acordo com Ruskin, citado por Bachelard (2001, p. 38, grifos nossos), "as tendências da criança para a natureza são tão naturais que é preciso muito pouco espaço, muito pouca terra para que a imaginação crie raízes". Assim, promover posições artístico-pedagógicas nas creches e pré-escolas, nas quais as crianças são propositalmente levadas ao parque para que se sujem na terra e ali criem, alimentem e fortaleçam as raízes da sua imaginação, é romper com uma ideia de criança limpa, de uma educação asséptica. Seguindo os escritos de Ruskin, Bachelard (2001, p. 38) nos fala: "mas que educação mais estranha é essa que impede uma criança, quando já tem força para isso, quando suas forças já reclamam essa façanha, de fazer buracos na terra, com o pretexto de que a terra é suja". De acordo com o autor supracitado, "na ordem da matéria imaginada tudo ganha vida: a matéria não é inerte e a pantomima que a traduz não pode permanecer superficial. Quem ama as substâncias, ao designá-las já as trabalha" (Bachelard, 2001, p. 44). Assim, como as crianças vão amar as substâncias se nelas

não mergulharem? Como designarão a terra, o barro mole (a lama), a argila se nela não penetrarem de corpo inteiro?
Sabemos que o modelar, o "criar poeticamente" é um agir que envolve o sujeito como um todo, mas nossas proposições buscavam provocar e intensificar ao máximo tal envolvimento. Deste modo, não presenciamos apenas o nascimento de formas, de imagens altamente mutáveis e poéticas nas "mãos felizes" das crianças, mas igualmente registramos as que nasciam do agir de seus pequenos pés... E não foi apenas uma vez, mas várias e variadas proposições nas quais documentamos a emergência de processos imaginativos e poéticos entre as crianças pequenas, nas quais as expressões corporais e orais, coletivas e individuais, revelavam a alegria – aqui indescritível – das suas descobertas sobre as belezas íntimas terra (da lama, do barro, da argila).

Figura I: O agir do corpo linguareiro das crianças pequenas sobre o barro mole (a lama). Detalhes dos pés e mãos sonhadores das crianças ao longo da proposição realizada no NDI (CED/UFSC). Grupo da Profa. Lígia dos Santos – 3/4/2012.

Figura II: O agir das crianças na pintura com barro mole (lama) sobre papelão fixado numa das paredes externas, voltada para o parque dos fundos no NDI (CED/UFSC). Grupo da Profa. Josiana Picolli – 17/4/2012.

Das imagens poéticas na argila à sua condensação

Passamos do barro mole (da lama) à argila; passamos das amassaduras do mole às resistências – para os pequenos pés e mãos infantis – da modelagem na argila. Mãos e pés que, trabalhando lúdica e sensivelmente a massa argilosa, empregavam e imprimiam uma nova ordem, uma nova energia na dinâmica das imagens materiais, assim como tal massa se

relacionava com a intimidade da energia emanada pelas crianças. Nas proposições a seguir, temos dois caminhos que apresentam similitudes, mas também diferenças em seus processos de constituição.

No grupo de crianças diretamente coordenado pela professora Lígia (Figura III), optou-se por trabalhar com "mãos e pés nus", mas naturalmente agressivos na luta das crianças contra as resistências da matéria[8]. Uma luta simultaneamente sedutora e fortalecedora da imaginação poética das crianças, pois tal relutância corresponde aos "elementos que resistem no inconsciente. Este embate é gerador de criação porque é aí que as imagens são reveladas" (Souza, 2011, p. 5). Neste enfrentamento, a imaginação poética trabalha, e aos poucos vemos surgir as primeiras imagens "sólidas plásticas" das crianças.

Figura III: Detalhes das amassaduras de pés e mãos das crianças sobre a argila no espaço do parque da instituição de Educação Infantil NDI (CED/UFSC) – 24 /5/2012.

As crianças do segundo grupo, sob a orientação direta da profa. Josiane Picolli (Figura IV), tiveram um dos seus encontros com a argila numa grande mesa instalada no parque. Inicialmente, as crianças foram tocando, provando e provocando a matéria pelo trabalho das suas "mãos nuas", mas, acompanhando a descoberta das crianças sobre as necessidades das próprias crianças e da matéria, observamos os meninos e meninas imersos na proposição "armarem" suas mãos para a criação. Com isso, elas passaram a testar e desenvolver processos técnicos com o uso, por exemplo, de palitos de madeira pontiagudos com os quais a "perfuração por rotação" é por elas assumida. Esta ação das crianças está intimamente atrelada ao desenvolvimento, à maturidade psicológica infantil, o que leva Bachelard (2001, p. 38) afirmar que: "o buraco feito na areia, depois na terra movediça, corresponde a uma necessidade psíquica da alma infantil. [...] Vivê-la é a melhor maneira de superá-la".

[8] Sobre a "mão nua" em contraposição à "mão armada" no trabalho com as materialidades, com o duro e o mole, ver em Bachelard (2001, p. 29-49).

Figura IV: Detalhes do processo de modelagem das crianças sobre a argila no espaço do parque da instituição de Educação Infantil NDI (CED/UFSC). Destaque para: o uso de palitos para a perfuração da argila por rotação; imagem das peças criadas ao final da proposição – 17/4/2012.

Os corpos linguageiros das crianças pequenas modelando a argila geraram imagens tridimensionais, imagens verdadeiras, imagens poéticas! Imagens, formas que, sem dúvida, deveriam ser incorporadas ao muro da instituição na qual o projeto se concretiza. No entanto, tais formas, numa tela a céu aberto – como denominamos o muro da instituição –, ao sabor do sol, da chuva, do vento e do toque de muitas mãos infantis (e adultas), provavelmente não resistiram intactas por muito tempo. Como, então, promover uma maior durabilidade das criações poéticas das crianças diante das variações das condições meteorológicas e da "curiosidade" de diferentes sujeitos às quais estas criações estariam ali suscetíveis? Certamente, a transformação do barro modelado em cerâmica – com a queima em forno de alta temperatura – foi a melhor solução encontrada pelos profissionais envolvidos no projeto.

No entanto, preocupados com a participação das crianças em todo processo, antes de iniciarmos a queima das imagens poéticas por elas modeladas, estas tiveram contato com peças cerâmicas de diversas procedências e mesmo aquelas já existentes no NDI. Assim, ao mesmo tempo em que dialogavam sobre o processo de queima da argila com as professoras, reconheciam e "brincavam" com bonecas de cerâmicas, bichinhos, potes, personagens do boi-de-mamão, entre outros, que encontravam pela instituição e ou que lhes eram oferecidos para manuseio nas rodas de conversa.

A queima das criações poéticas das crianças implicava, talvez, a destruição de muitas delas. Isto porque as formas por elas criadas não foram construídas tendo atenção às técnicas da criação em cerâmica. Assim, por exemplo, poderiam existir "bolsas" de ar dentro das formas criadas. Este fato poderia provocar rachaduras e mesmo a explosão das peças quando aquecidas no forno em alta temperatura, restando, ao final, apenas seus "caquinhos". No entanto, consideramos que valeria a pena correr o risco para ter as produções das crianças em nosso muro. Conscientes do risco, colocamos no forno o maior número possível de peças. O que também nos permite dizer que toda forma criada pelas crianças, por menor que fosse, foi assumida como uma imagem verdadeira! Com todas as qualidades estéticas e peso

poético que as crianças nelas imprimiram. Não havia, para nós, imagens não acabadas; imagem muito pequena ou muito grande; torta demais, fina demais ou sem definição! Assim, por vários dias, a arte-educadora Vânia realizou o processo de queima da argila num forno específico para cerâmica.

Segundo Souza (2011, p. 2), o procedimento cerâmico possui a característica da "impermanência de imagem", que só termina quando a "curiosa condensação das imagens" (Souza, 2011, p. 5) acontece no processo de queima da peça. Para a autora citada, o artista, ao experimentar "no trabalho de uma matéria essa curiosa condensação das imagens e das forças, vive a síntese da imaginação e da vontade" (Souza, 2011, p. 5). Como será que as crianças pequenas vivem esta síntese?

É preciso ressaltar que as imagens condensadas que as crianças encontraram, após elas serem retiradas do forno pelos adultos, valiam para elas tanto quanto as imagens que "explodiram" com o calor, que viraram outra coisa. Isto porque elas ficaram maravilhadas, encantadas, sim, por saber que algumas das imagens criadas haviam resistido à queima, mas igualmente por se depararem com "caquinhos" de cerâmica ou pó de terra queimado. Talvez, a característica da "impermanência de imagem", num projeto com crianças que participam de todo processo e no qual elas são incentivadas, encorajadas a encontrar valor nos mais ínfimos detalhes de suas criações, no qual a modelagem da argila e nela a transformação das formas foi algo tão preciso a elas, a característica da impermanência das imagens após a queima tenha sido tão forte quanto a "condensação das imagens". Por outro lado, não negamos com isso o desejo de as crianças continuarem trabalhando, aprimorando suas técnicas de modelagem com a mão nua ou armada para, com a queima do barro, fixarem, condensarem suas imagens sonhadas, afinal: "A realidade é feita para 'fixar' os nossos sonhos (Bachelard, 2001, p. 148)".

Figura V: As crianças e a professora Lígia brincando com as "imagens poéticas condensadas" no parque do NDI (CED/UFSC) – 25/9/2012.

Conclusões

O trabalho com a terra (barro, lama, argila), num projeto pedagógico que se vincula à arte na educação das crianças pequenas, mostrou a força desta matéria para o desenvolvimento da imaginação poética destes sujeitos. Isto porque a documentação e a análise das proposições aqui apresentadas revelam o modo intenso no qual os processos de imaginação poética das crianças pequenas afloraram no encontro-confronto com a terra. Tal intensidade se deu, certamente, pela espontaneidade dessa materialidade à transformação, assim como pelo espaço – e a organização deste – em que as proposições acontecerem: o parque da instituição de Educação Infantil (NDI).

A ideia do trabalho com as linguagens da arte, especialmente aqui, as plásticas, fora do espaço do ateliê não significa a sua extinção nas instituições de Educação Infantil ou a recusa de projetos para tê-los. O trabalho com as crianças aqui apresentado e o projeto Arte no Muro como um todo afirmam a ideia – ainda a ser mais bem discutida e fundamentada – da presença da arte e da criação poética infantil em todos os espaços das creches e pré-escolas, e não somente nos ateliês. Reconhecendo e valorizando, assim, os modos de as crianças criarem com todas as materialidades que lhes oferecemos, ao mesmo tempo, ajustando o olhar para o "impossível da infância" presente na criança, estando ela em qualquer espaço da instituição. Fora do contexto do ateliê, o corpo linguareiro das crianças encontrou de modo singular abrigo para seus movimentos amplos, para brincar com a terra, a lama e a argila, experimentando a "sujeira" da natureza, estando imerso nela.

Os processos das crianças penetraram na intimidade do barro, da lama, da argila, nos mostraram, entre outros aspectos, o encantamento do corpo daquele que cria; permitiram-nos observar a alegria das crianças tomando a frente das proposições; explicitando o poder destas no enfrentamento, no domínio do barro mole (da lama) e da argila à sua disposição. E não podemos esquecer que a imaginação e a alegria – pelo menos certa alegria, diria Bachelard – estão ligadas, assim como a excitação está atrelada à imaginação.

A combinação, a um só tempo, de sensações de aventura, medo, repulsa, coragem, alegria, excitação provocada pela materialidade (barro mole e/ou argila) e o ato de tocá-la indica às crianças aquilo que está por ser conhecido e, ao mesmo tempo, que expande as suas visibilidades já na tenra idade. Neste turbilhão, as crianças confrontam e aprofundam a compreensão de si mesmas e do mundo; a compreensão, alargamento e domínio das suas poéticas.

Por fim, mas sem esgotar as questões levantadas ao longo do texto, ressaltamos a necessidade do fortalecimento da imaginação poética das crianças em contraposição às imagens pré-fabricadas dos moldes plásticos para modelar, a exemplo de brinquedos industrializados. A arte, desde e na educação das crianças pequenas, exige que pensemos em propostas pedagógicas que abarquem aquilo que vai do "impossível ao verdadeiro", que promovam e deem visibilidade às poéticas infantis.

Referências

Barbosa, M. C. S. (2010). Pedagogia da infância. Em: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C. & VIEIRA, L. M. F. Em: DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação. CDROM. Disponível em: http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=312 Acessado em: 29/3/2015.

Brasil (2010). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB.

Albano, A. A. (2010). Arte e Pedagogia: além dos territórios demarcados (p. 26-39). Em: Cad. Cedes, Campinas, SP, vol. 30, n. 80.

Bachelard, G. (1988). A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes.

Bachelard, G. (2001). A terra e os devaneios da vontade. São Paulo: Martins Fontes.

Bachelard, G. (2009). A Poética do Devaneio. São Paulo: Editora WMF / Martins Fontes.

Larrosa, J. (1998). O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. Em Larrosa, J. & Lara, N. P. (Eds.). Imagens do outro. (p.67-86). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Ostrower, F. (1987). Criatividade e processos de criação. Petrópolis, RJ: Vozes.

Richter, S. R. S. (2007). A experiência poética e a linguagem plástica na infância. Em: Anais da 30ª Reunião Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu, MG. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3538--Int.pdf Acessado em: 10/10/2013.

Souza, M. C. A. S. (2009). Em: Anais do 8º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/9/2009 - Salvador, Bahia – Brasil.

Souza, M. C. A. S. (2011). Terra-Terra: um movimento poético com o barro cozido (p. 1-13). Em: Revista OHUN, Ano 8 –n.6, Bahia,